

Isaac Asimov

FUNDAÇÃO E IMPÉRIO

Tradução
Fábio Fernandes

1ª Reimpressão


ALEPH

Copyright © the Estate of Isaac Asimov, 1951, 1979
Copyright © Aleph, 2009
(edição em língua portuguesa para o Brasil)

TÍTULO ORIGINAL: Foundation and Empire
CAPA E ILUSTRAÇÕES: Delfin
PREPARAÇÃO DE TEXTO: Carlos Orsi
Marcelo Barbão
REVISÃO: Hebe Ester Lucas
PROJETO GRÁFICO: RS2 Comunicação
EDITORAÇÃO: RS2 Comunicação
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Delfin
DIRETOR EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzi

Revisado conforme o novo acordo ortográfico da língua portuguesa

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Publicado mediante acordo com The Doubleday Broadway Publishing Group, uma divisão da Random House, Inc.

ALEPH PUBLICAÇÕES E ASSESSORIA PEDAGÓGICA LTDA.
Rua Dr. Luiz Migliano, 1110 – Cj. 301
05711-900 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
Fax: [55 11] 3743-3263
www.editoraaleph.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Asimov, Isaac, 1920-1992
Fundação e império / Isaac Asimov ; tradução Fabio Fernandes. – São Paulo : Aleph, 2009.

Título original: Foundation and empire.
ISBN 978-85-7657-067-7

1. Ficção científica norte-americana.
I. Título.

08-10731

CDD-813.0876

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876

1ª Reimpressão
2009

Prólogo

O Império Galáctico Estava Caindo.

Era um império colossal, que se estendia ao longo de milhões de mundos de um braço a outro da poderosa multiespiral que era a Via Láctea. Sua queda também foi colossal – e demorada, pois ela tinha um grande caminho a percorrer.

Ele vinha caindo há séculos antes que um homem realmente se desse conta da queda. Esse homem era Hari Seldon, o homem que representou a única fagulha de esforço criativo deixada em meio à decadência que se acumulava. Ele desenvolveu e refinou ao máximo a ciência da psico-história.

A psico-história lidava não com o homem, mas com as massas humanas. Era a ciência das multidões; multidões compostas por bilhões. Ela poderia prever reações a estímulos com a precisão com que uma ciência menor poderia prever o ricochete de uma bola de bilhar. A reação de um só homem não poderia ser prevista por nenhuma matemática conhecida; mas a reação de um bilhão é outra coisa.

Hari Seldon traçou as tendências sociais e econômicas da época, alinhou sua visão com o formato das curvas e previu a aceleração continuada da queda da civilização e o intervalo de trinta mil anos que deveria se passar antes que um novo império pudesse lentamente emergir de entre as ruínas.

Era tarde demais para impedir essa queda, mas não tarde demais para reduzir o intervalo de barbárie. Seldon estabeleceu duas Fundações em “extremidades opostas da Galáxia”, e sua localização foi projetada de tal forma que em um rápido milênio os acontecimentos formariam uma trama que acabaria extraindo delas um Segundo Império mais forte, mais permanente, mais benevolente.

Fundação contou a história de uma dessas Fundações durante os primeiros dois séculos de vida.

Ela começou como uma colônia de cientistas de ciências exatas em Terminus, um planeta no extremo de um dos braços espirais da Galáxia. Separados do turbilhão do Império, eles trabalharam como compiladores do compêndio universal de conhecimento, a ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA, inconscientes do papel mais complexo planejado para eles por Seldon, já morto.

Enquanto o Império apodrecia, as regiões externas caíam nas mãos de “reis” independentes. A Fundação foi ameaçada por eles. Entretanto, jogando um governante mesquinho contra outro, sob a liderança de seu primeiro prefeito, Salvor Hardin, eles mantiveram uma independência precária. Como únicos detentores da energia nuclear em meio a mundos que estavam perdendo suas ciências e voltando a usar carvão e petróleo, eles chegaram a estabelecer uma ascendência. A Fundação se tornou o centro “religioso” dos reinos vizinhos.

Lentamente, a Fundação desenvolveu uma economia comercial enquanto a Enciclopédia recuava para segundo plano. Seus Comerciantes, que lidavam com dispositivos nucleares tão compactos que nem mesmo o Império, em seu auge, poderia tê-los duplicado, penetraram centenas de anos-luz Periferia adentro.

Sob o comando de Hober Mallow, o primeiro dos Príncipes Mercadores da Fundação, eles desenvolveram a técnica de guerra econômica a ponto de derrotar a República de Korell, muito embora esse mundo estivesse recebendo apoio de uma das províncias externas do que havia restado do Império.

Ao fim de duzentos anos, a Fundação era o Estado mais poderoso da Galáxia, a não ser pelos restos do Império, que, concentrados no terço interior da Via Láctea, ainda controlavam três quartos da população e da riqueza do Universo.

Parecia inevitável que o próximo perigo que a Fundação teria de enfrentar seria o último ataque do Império moribundo.

O caminho devia ser aberto para a batalha entre Fundação e Império.

Parte 1
0 general

Bel Riose... em sua carreira relativamente curta, Riose ganhou o título de “o último dos imperiais”, e o mereceu. Um estudo de suas campanhas revela que ele podia ser comparado a Peurifoy em habilidade estratégica e talvez fosse até superior a ele em sua capacidade de lidar com homens. O fato de ter nascido nos dias do declínio do Império tornou impossível para ele igualar a marca de Peurifoy como conquistador. Mas teve sua chance quando – o primeiro dos generais do Império a fazer isso –, enfrentou a Fundação diretamente...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA¹

¹ Todas as citações da Enciclopédia Galáctica aqui reproduzidas foram retiradas da 116ª edição, publicada em 1.020 E.F pela Companhia Editora Enciclopédia Galáctica Ltda., Terminus, com permissão dos editores.

1.

Em busca de mágicos

Bel Riose viajava sem escolta, o que não é o que a etiqueta da corte prescreve para o chefe de uma frota estacionada num sistema estelar ainda escondido nos Confins do Império Galáctico.

Mas Bel Riose era jovem e cheio de energia – energético o suficiente para ser enviado até quase o fim do universo por uma corte fria, calculista... e curiosa, além disso. Histórias estranhas e improváveis, repetidas com volubilidade por centenas de pessoas e conhecidas de modo apenas nebuloso por milhares intrigavam esta última faculdade; a possibilidade de uma empreitada militar atijou as outras duas. A combinação era devastadora.

Ele desceu do deselegante carro terrestre do qual havia se apropriado e foi até a porta da mansão decadente que era seu destino. Esperou. O olho fotônico que varria a porta estava funcionando, mas quando a porta se abriu, foi de forma manual.

Bel Riose sorriu para o velho.

– Eu sou Riose...

– Eu o reconheço – o velho permanecia rígido em seu lugar, sem aparentar surpresa. – O que deseja?

Riose recuou um passo em um gesto de submissão.

– Desejo paz. Se o senhor é Ducem Barr, peço o favor de uma conversa.

Ducem Barr deu um passo para o lado e, no interior da casa, as paredes se iluminaram. O general entrou para a luz do dia.

Ele tocou a parede do estúdio, e então olhou para as pontas dos próprios dedos.

– Vocês têm isto em Siwenna?

Barr deu um sorriso fraco.

– Não em outros lugares, acredito. Faço a manutenção da melhor forma que posso, eu mesmo. Preciso me desculpar por tê-lo feito esperar à porta. O dispositivo automático registra a presença de um visitante, mas não abre mais a porta.

– Sua manutenção não é suficiente? – a voz do general tinha um leve tom de zombaria.

– Não há mais peças de reposição. Sente-se, por favor, senhor. O senhor bebe chá?

– Em Siwenna? Meu bom senhor, é uma impossibilidade social não bebê-lo aqui.

O velho patrício se afastou sem fazer ruído, com uma mesura lenta que fazia parte do legado cerimonioso deixado pela aristocracia dos dias melhores do século anterior.

Riose olhou a figura de seu hóspede que se afastava, e sua urbanidade estudada sofreu uma pequena hesitação. Sua educação fora puramente militar; sua experiência, idem. Ele havia, como dizia o clichê, enfrentado a morte muitas vezes. Mas sempre morte de uma natureza muito familiar e tangível. Consequentemente, não há inconsistência no fato de que o idolatrado Leão da Vigésima Frota sentisse um calafrio na atmosfera subitamente sombria de um salão antigo.

O general reconheceu as pequenas caixas de plástico preto imitando marfim alinhadas nas prateleiras: eram livros. Seus títulos não lhe eram familiares. Ele supôs que a grande estrutura numa das extremidades do salão fosse o receptor que transmutava os livros em som e imagem sob demanda. Ele nunca vira um desses em funcionamento; mas já havia ouvido falar neles.

Um dia lhe haviam dito que, há muito tempo, durante os anos dourados em que o Império se estendera por toda a Galáxia, nove em cada dez residências tinham tais receptores – e tais fileiras de livros.

Mas, agora, havia fronteiras a vigiar; livros eram para os idosos. E metade das histórias contadas sobre os velhos tempos era mito, de qualquer maneira. Mais da metade.

O chá chegou, e Riose se sentou. Ducem Barr ergueu sua xícara.

– À sua honra.

– Obrigado. À sua.

Ducem Barr disse deliberadamente:

– Dizem que o senhor é jovem. Trinta e cinco?

– Quase. Trinta e quatro.

– Neste caso – disse Barr, com ênfase suave –, eu não poderia começar de melhor maneira do que informando ao senhor, com pesar, que não tenho

poções, amuletos ou filtros do amor. E tampouco sou capaz de influenciar os favores de qualquer moça que possa agradá-lo.

– Não tenho necessidade de ajudas artificiais quanto a isso, senhor – a complacência inegavelmente presente na voz do general vinha misturada com divertimento. – O senhor recebe muitos pedidos para esse tipo de mercadoria?

– O bastante. Infelizmente, um público desinformado tende a confundir erudição com magicatura, e a vida amorosa parece ser aquele fator que requer a maior quantidade de intervenção mágica.

– O que me parece bastante natural. Mas discordo. Não ligo a erudição a nada além de um meio de responder a perguntas difíceis.

O siwenniano retrucou, com seriedade:

– O senhor pode estar tão errado quanto eles!

– Pode ser que sim, pode ser que não – o jovem general encaixou a xícara em seu revestimento térmico e ela foi novamente preenchida. Ele jogou a cápsula de sabor oferecida dentro da xícara com um pequeno *splash*. – Diga-me então, patrício, quem são os mágicos? Os verdadeiros.

Barr pareceu espantado com o título que há tanto tempo não era usado.

– Não existem mágicos – respondeu.

– Mas as pessoas falam deles. Siwenna está cheia de histórias sobre eles. Existem cultos sendo criados com base nesses homens. Existe alguma estranha conexão entre isso e os grupos de seus conterrâneos que sonham e deliraram com dias antigos e o que chamam de liberdade e autonomia. Essa questão poderá acabar se tornando um perigo para o Estado.

O velho balançou a cabeça.

– Por que me pergunta? O senhor está sentindo cheiro de alguma revolta encabeçada por mim?

Riose deu de ombros.

– Nunca. Nunca. Ah, mas não é um pensamento completamente ridículo. Seu pai foi um exilado no tempo dele; você mesmo foi um patriota e chauvinista no seu tempo. É indelicado da minha parte, como hóspede, mencionar isso, mas meus negócios aqui assim o exigem. E, no entanto, uma conspiração agora? Duvido. Nas últimas três gerações, Siwenna foi espancada até perder a coragem.

O velho respondeu com dificuldade.

– Deverei ser tão indelicado como anfitrião assim como o senhor o foi como hóspede. Devo lembrá-lo de que, certa vez, um vice-rei pensou como o senhor sobre os siwennianos covardes. Pelas ordens desse vice-rei, meu pai se tornou um mendigo fugitivo, meus irmãos mártires e minha irmã, uma suicida. Mas esse vice-rei sofreu uma morte suficientemente horrível nas mãos desses mesmos abjetos siwennianos.

– Ah, sim, e aí o senhor toca num assunto que eu gostaria de comentar. Há três anos que a morte misteriosa desse vice-rei não representa mais um mistério para mim. Havia um jovem soldado de sua guarda pessoal cujas ações foram bastante interessantes. O senhor era esse soldado, mas não há necessidade de detalhes, penso eu.

Barr ficou em silêncio.

– Nenhuma. O que o senhor propõe?

– Que responda às minhas perguntas.

– Não sob ameaças. Estou velho demais para que a vida me signifique grande coisa.

– Meu bom senhor, estes são tempos difíceis – disse Riose, e acreditava no que estava falando – e o senhor tem filhos e amigos. O senhor tem um país pelo qual pronunciou palavras de amor e loucura no passado. Vamos lá, se eu decidi usar a força, minha mira não seria tão ruim a ponto de atingir o senhor.

– O que você quer? – Barr perguntou, friamente.

Riose levantou a xícara vazia ao falar.

– Patrício, ouça-me. Estes são dias em que os soldados mais bem-sucedidos são aqueles cujas funções se resumem a liderar as paradas em traje de gala no terreno do palácio imperial, nos dias de festa, e a escoltar as reluzentes naves de prazer que transportam Sua Esplendência Imperial para os planetas de verão. Eu... eu sou um fracasso. Sou um fracasso aos trinta e quatro anos e continuarei sendo um fracasso. Porque, o senhor entende, eu gosto de lutar. Foi por isso que me enviaram para cá. Sou muito complicado na corte. Não me encaixo na etiqueta. Ofendo os dândis e os lordes almirantes, mas sou bom demais como líder de naves e de homens para que se livrem de mim simplesmente lançando-me ao vácuo. Então, Siwenna é o substituto. É um mundo de fronteira; uma província estéril e rebelde. Fica muito longe, longe o bastante para satisfazer a todos. E assim eu vou apodrecendo. Não há rebeliões para

esmagar e os vice-reis da fronteira não têm se revoltado ultimamente; pelo menos, não desde que o falecido pai de Sua Majestade Imperial, de gloriosa memória, fez de Mountel de Paramay um exemplo.

– Um imperador forte – murmurou Barr.

– Sim, e precisamos de mais desses. Ele é meu senhor; lembre-se disso. São os interesses dele que defendo.

Barr deu de ombros, despreocupado.

– E como isso tudo se liga ao assunto em questão?

– Mostrarei a você em duas palavras. Os mágicos que mencionei vêm de além... além dos guardas de fronteira, onde as estrelas são mais dispersas...

– “Onde as estrelas são mais dispersas” – citou Barr – “e o frio do espaço penetra.”

– Isso é poesia? – Riose franziu a testa. Versos pareciam coisas frívolas naquele momento – De qualquer maneira, eles vêm da Periferia: do único local onde sou livre para lutar pela glória do Imperador.

– E, assim, servir aos interesses de Sua Majestade Imperial e satisfazer seu próprio desejo de um bom combate.

– Exatamente. Mas preciso saber o que vou combater, e nisso você pode ajudar.

– Como o senhor sabe?

Riose mordiscou um bolinho casualmente.

– Porque, por três anos, eu rastreei cada rumor, cada mito, cada suspiro a respeito dos mágicos... e de toda a biblioteca de informação que coletei, apenas dois fatos isolados são unânimes, e portanto certamente verdadeiros. O primeiro é que os mágicos vieram da borda da Galáxia voltada para Siwenna; o segundo é que seu pai encontrou um mágico certa vez, vivo e verdadeiro, e conversou com ele.

O siwenniano envelhecido ficou olhando para ele sem piscar, e Riose continuou:

– É melhor você me contar o que sabe...

Barr disse, pensativo:

– Seria interessante lhe contar certas coisas. Seria o meu próprio experimento psico-histórico.

– Que tipo de experimento?

– Psico-histórico – o velho sorriu com um quê desagradável. Então, ríspido: – É melhor você tomar mais um pouco de chá. Vou fazer um discurso razoavelmente longo.

Ele se recostou nos almofadões macios de sua poltrona. As luzes das paredes haviam se reduzido em intensidade até se tornarem um leve brilho rosa-marfim, que suavizou até mesmo o perfil duro do soldado.

Ducem Barr começou:

– Meu próprio conhecimento é o resultado de dois acidentes; o acidente de haver nascido filho de meu pai, e de ter nascido nativo de meu país. Tudo começou há mais de quarenta anos, pouco depois do Grande Massacre, quando meu pai era fugitivo nas florestas do sul, ao passo que eu era um artilheiro na frota pessoal do vice-rei. Este mesmo vice-rei, a propósito, que havia ordenado o Massacre, e que teve uma morte tão cruel depois.

Barr deu um sorriso cruel e continuou:

– Meu pai era um Patrício do Império e Senador de Siwenna. Seu nome era Onum Barr.

Riose interrompeu, impaciente:

– Conheço muito bem as circunstâncias do exílio dele. Não precisa detalhar. O siwenniano o ignorou e prosseguiu, sem se desviar.

– Durante seu exílio, um viajante perdido o procurou; um mercador dos limites da Galáxia; um jovem que falava um sotaque estranho, nada conhecia da história imperial recente e que estava protegido por um escudo de força individual.

– Um escudo de força individual? – Riose fez uma careta. – Você está falando extravagâncias. Que gerador poderia ser poderoso o bastante para condensar um escudo do tamanho de um único homem? Pela Grande Galáxia, ele carregava cinco mil miriatons de fonte de energia nuclear num carrinho de mão?

Barr disse, baixinho:

– Este é o mágico de quem você ouve sussurros, histórias e mitos. O nome “mágico” não é conquistado com facilidade. Ele não levava consigo nenhum gerador grande o bastante para ser visto, mas a arma mais pesada que você pudesse carregar sozinho não teria sequer deixado uma marca no escudo que ele usava.

– Mas a história é só essa? Os mágicos então nasceram das alucinações de um velho marcado pelo sofrimento e pelo exílio?

– A história dos mágicos antecede até mesmo meu pai, senhor. E a prova é mais concreta. Depois de deixar meu pai, esse mercador que os homens chamam de mágico visitou um técnico na cidade para onde meu pai o havia guiado, e lá ele deixou um gerador de escudo do tipo que usava. Esse gerador foi recuperado por meu pai após seu retorno do exílio, quando da execução do maldito vice-rei. Ele demorou muito para encontrar... O gerador está pendurado na parede atrás do senhor. Não funciona. Nunca funcionou a não ser nos primeiros dois dias; mas se olhar para ele, verá que ninguém no Império foi responsável por sua construção.

Bel Riöse estendeu a mão para pegar o cinturão de elos de metal pendurado na parede curva. Ele se soltou com um pequeno som de ventosa, quando o minúsculo campo adesivo se rompeu ao toque da mão. O elipsoide no ápice do cinto chamou a sua atenção. Tinha o tamanho de uma noz.

– Isto... – ele disse.

– Era o gerador – concordou Barr. – Mas *era* o gerador. O segredo de seu funcionamento está além de qualquer possibilidade de descoberta agora. Investigações subeletrônicas demonstraram que está fundido em um bloco compacto de metal, e nem mesmo o estudo mais cuidadoso dos padrões de difração foram capazes de distinguir as peças individuais que existiam antes da fusão.

– Então sua “prova” ainda não passa de uma fronteira porosa de palavras, sem nenhuma evidência concreta para defender a retaguarda.

Barr deu de ombros.

– O senhor exigiu meu conhecimento e ameaçou tirá-lo de mim à força. Se o senhor escolhe vê-lo com ceticismo, o que posso fazer? Quer que eu pare?

– Continue! – o general disse, com rispidez.

– Eu continuei as pesquisas de meu pai após sua morte e então o segundo acidente que mencionei veio em meu socorro, pois Siwenna era bastante conhecida de Hari Seldon.

– E quem é Hari Seldon?

– Hari Seldon foi um cientista do reinado do Imperador Daluben IV. Ele era um psico-historiador. O último e o maior de todos. Ele visitou

Siwenna uma vez, quando Siwenna era um grande centro comercial, rico em artes e ciências.

– Humf – Riose murmurou com acidez. – Qual o planeta estagnado que não diz ter sido uma terra de grande riqueza nos dias de outrora?

– Os dias de que falo são os dias de dois séculos atrás, quando o Imperador ainda reinava até a mais distante estrela; quando Siwenna era um mundo do interior e não uma província semibárbara de fronteira. Naqueles dias, Hari Seldon previu o declínio do poder imperial e a barbarização final de toda a Galáxia.

Riose soltou uma gargalhada repentina.

– Ele previu isso? Então ele previu errado, meu bom cientista. Suponho que você se considere um. Ora, o Império está mais poderoso agora do que há um milênio atrás. Seus olhos velhos estão cegados pela fria desolação da fronteira. Venha aos mundos interiores um dia; venha para o calor e a riqueza do centro.

O velho balançou a cabeça, com ar sombrio.

– A circulação cessa primeiro nas bordas exteriores. Ainda levará um tempo para que o apodrecimento chegue ao coração. Isto é, o apodrecimento aparente, óbvio para todos, tão distinto da podridão interna, que já é uma velha história de cerca de quinze séculos.

– E então esse Hari Seldon previu uma Galáxia de barbárie uniforme – disse Riose, bem-humorado. – E daí, hein?

– Então ele criou duas Fundações em extremidades opostas da Galáxia... Fundações dos melhores, mais jovens e mais fortes, ali para crescer, se multiplicar e se desenvolver. Os mundos nos quais elas foram colocadas foram escolhidos cuidadosamente, assim como as épocas e os arredores. Tudo foi arranjado de modo que o futuro, conforme previsto pela matemática inalterável da psico-história, envolveria o isolamento deles, desde o começo, do corpo principal da civilização imperial e seu lento crescimento nos germes do Segundo Império Galáctico, cortando um inevitável interregno bárbaro de trinta mil anos para cerca de mil anos.

– E onde você descobriu isso tudo? Você parece saber tudo em detalhes.

– Não sei e nunca soube – o patrício disse, com compostura. – Isso é o resultado doloroso de juntar as peças de evidências descobertas por meu

pai e mais algumas descobertas por mim mesmo. A base é tênue e a superestrutura foi romanceada para preencher as lacunas imensas. Mas estou convencido de que, em essência, é verdade.

– Você se deixa convencer facilmente.

– Mesmo? Isso me tomou quarenta anos de pesquisa.

– Humf. Quarenta anos! Eu poderia ter resolvido a questão em quarenta dias. Na verdade, acredito que devo. Seria... diferente.

– E como o senhor faria isso?

– Da maneira óbvia. Eu poderia me tornar um explorador. Poderia encontrar essa Fundação de que você fala e observá-la com meus olhos. Você diz que existem duas?

– Os registros falam de duas. Evidências de apoio foram encontradas apenas para uma, o que é compreensível, pois a outra fica na outra extremidade do eixo maior da Galáxia.

– Bem, vamos visitar a que fica mais perto – o general se levantou, ajustando o cinto.

– O senhor sabe para onde ir? – perguntou Barr.

– De certa forma. Nos registros do penúltimo vice-rei, aquele que você assassinou com tanta eficiência, há histórias suspeitas de bárbaros vindos de fora. Na verdade, uma das filhas dele foi dada em casamento a um príncipe bárbaro. Eu vou encontrar o caminho.

Estendeu a mão.

– Agradeço-lhe a hospitalidade.

Ducem Barr tocou a mão com os dedos e fez uma mesura formal.

– Sua visita foi uma grande honra.

– Quanto às informações que você me deu – continuou Bel Riose –, eu saberei como agradecer quanto retornar.

Ducem Barr acompanhou, submisso, seu hóspede até a porta externa e disse, baixinho, para o carro terrestre que sumia na distância.

– *Se* o senhor retornar.